

# **A prevenção de acidentes começa na concepção da organização do trabalho**

François Daniellou

La prévention des accidents commence dès la conception de l'organisation de travail. In Sperandio J-C (Direction) L'Érgonomie face aux changements technologiques et organisationnels du travail humain. Toulouse - Fr, Octares Edition, 1996. (p. 430-31)

## A prevenção de acidentes começa na concepção da organização do trabalho

François Daniellou<sup>7</sup>

Meu papel aqui era de desenvolver diante de vocês o fato de que a prevenção passe pela tomada de consideração da atividade futura quando da concepção. Mas, como isso foi largamente desenvolvido por outros – o que está longe de ter completamente entrado dentro dos hábitos e costumes industriais - eu vou muito mais insistir sobre certas questões que esta proposição põe, ficando em torno do fato de que a concepção não é somente a concepção dos dispositivos materiais, mas pode ser desde o início e sobretudo a concepção da organização do trabalho - mais complicada a gerir que a confecção dos dispositivos e/ou materiais. Eu tratarei dessas questões à luz da leitura de dois documentos recentes lidos quando preparava esta mesa redonda.

A primeira leitura é aquela de “Que sais-je” de Christophe Dejours<sup>8</sup>, chamado o “fator humano”, que é uma colocação em perspectiva muito impressionante das diferentes questões que o trabalho põe em relações às ciências. A idéia desenvolvida por Dejours é que não se compreende questões do trabalho se as tratamos tomando em conta só a relação entre o homem e a máquina (ou a realidade). E que só se pode compreender as questões do trabalho se cada uma dentre elas é tratada à luz de uma tríade constituída “do operador, do real e outro”. O que passei em revista sobre esta perspectiva (“éclairage”) algumas análises das atividades feitas por mim mesmo, algumas de minhas intervenções, e isso me permitiu reinterpretar várias questões, notadamente a proposta da prevenção. A prevenção não está na relação entre o homem e sua máquina, mas no triângulo entre o homem, o real e o outro. Enfim, é uma dimensão importante deste triângulo, a relação entre o outro e o ideal, uma vez que é essa dimensão que produz a tecnologia: são as representações do outro (os construtores, os atores sociais, ...), que vão fabricar a tecnologia e os riscos.

A segunda leitura que me espantou é aquela dos trabalhos da tese de Gabriel Carballeda<sup>9</sup>, que trabalhou sobre a organização da manutenção numa indústria de Processos, e que trata como questão central “quais condições devem ser reunidas para que um ergonomista possa contribuir numa reflexão organizacional”. Refletindo a esse respeito, eu penso, que elas por elas (“terme à terme”), pode-se dizer: “Quais condições devem ser reunidas para que um ergonomista possa contribuir numa reflexão sobre a prevenção?”

Um dos pontos que Carballeda desenvolve, (evidentemente utilizando o trabalho de outros autores, notadamente Gilbert de Tersac), é a necessidade do poder construir um espaço onde se confrontem as lógicas profissionais. Não se pode fazer um avanço organizacional ou um avanço em matéria de prevenção, se não há confrontação entre as diferentes lógicas. Mas, o que é específico da abordagem ergonômica, é que essa confrontação entre as lógicas não é uma confrontação baseada sobre a proeminência do ponto de vista que sabe exprimir-se da melhor maneira, mas sobre uma confrontação com os fatos, com a realidade. Essa é a abordagem do ergonomista, é uma série de fatos, extraídos da realidade e aos quais cada um deve se confrontar com sua própria lógica

<sup>7</sup>

Ergonomista, UFR Saúde Pública – Laboratório de Ergonomia de Sistemas Complexos – Universidade de Bourdeaux

<sup>8</sup> Editora PUF. Há edição brasileira “O fator humano”, Editora Fundação Getúlio Vargas. 1997.

A aparecer, 1996. tese de doutorado de Ergonomia, CNAM, Paris. <sup>9</sup>

profissional, para que seja possível a negociação de uma interpretação que seja aceitável por todo mundo. É necessário, além disso, que isso possa se passar, dentro de um “espaço de discussão”, um espaço onde os constrangimentos (“contraintes”) de uns e de outros sejam primeiramente explicitadas e, posteriormente, negociadas.

Tudo isso, na minha opinião se transpõe literalmente (“terme à terme”) em matéria de prevenção. Nesse domínio, igualmente, é importante por em palavras, e explicitar, muito mais que produzir recomendações que negariam a realidade. A maioria das dinâmicas de prevenção são, com efeito, dinâmicas em que estão recomendadas negações de um certo número de “contraintes” da realidade porque não se sabe como tratá-las. Ora, a prevenção pressupõe poder negociar em conjunto, tanto o desempenho do trabalho, quanto o custo humano do trabalho num espaço onde se tem o direito de falar às vezes do real, e dos valores que estão em jogo dentro desta discussão. Isso mereceria outros desenvolvimentos

...

Para terminar eu farei duas observações sobre as questões das práticas implicadas por essas transições. Por uma vez, eu não sou de acordo com Jean-Yves Macé (Frequentemente eu estou de acordo com ele, mas não dessa vez), eu não penso que se trate de uma questão que seja da competência (“qui relèverait”) da Ergonomia em geral e não do ergonomista em particular. A construção da prática do ergonomista no domínio da prevenção dentro de uma empresa, não é a Ergonomia que a faz, é Jean-Yves Macé, o ergonomista, um de nós. Essa construção é trazida pela pessoa, é uma construção social, específica a cada vez, com interlocutores específicos. É então do domínio da prática.

Enfim, põe-se uma outra série de questões, que são as questões relacionadas às ciências, as ciências que se ligam aos acidentes, à prevenção. Só se pode avançar, no domínio da prevenção, se arrancamos (arrache”) a reflexão sobre a prevenção das ciências físicas, das ciências do engenheiro, para mergulhá-las num banho em que ela seria, às vezes, irrigada, interpelada, pelas ciências da realidade, pelas ciências físicas e pelas ciências humanas. É esse o objeto do livro de Christophe Dejourn. Não se trata de por a prevenção, seja do lado das ciências da realidade, das ciências físicas, seja do lado das ciências humanas, mas de construir uma reflexão sobre a prevenção em que essas duas abordagens possam confrontar-se permanentemente se para elaborar soluções que sejam soluções humanas.